
Testemunho e empatia na busca pela credibilidade no telejornalismo: análise da cobertura da tragédia no Rio Grande do Sul¹

Claudia THOMÉ²

Marco Aurélio REIS³

Ana Carolina Campos de OLIVEIRA⁴

Luciana Soares de MORAIS⁵

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Na cobertura de tragédias, o telejornalismo enfrenta o desafio de relatar com respeito e ética o sofrimento e a morte, mantendo a qualidade informativa. Este estudo analisa as estratégias narrativas do Jornal Nacional, da Rede Globo, na cobertura da tragédia climática gaúcha em maio de 2024, na TV e no Instagram. A partir da aplicação da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018), na primeira e na última edição itinerante do JN, no RS, foi possível detectar uma cobertura ancorada na emoção, na empatia e no testemunho, de moradores e de jornalistas, e o deslizamento da linguagem subjetiva e informal própria das redes digitais para o telejornal na TV aberta.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo, Subjetividade; Testemunho; Jornal Nacional

INTRODUÇÃO

A televisão, ao longo de mais de sete décadas, tem mantido sua centralidade como meio de informação sobre os acontecimentos. Por meio dos telejornais, proporciona uma forma familiar de interpretar os novos códigos audiovisuais através da combinação de imagens, palavras e outros elementos (Silverstone, 1994; Becker, 2005). O avanço tecnológico transformou a relação da audiência com a televisão, que passou a assumir novas funções, especialmente com a experiência em múltiplas telas. A expansão da

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com pós-doutorado pelo PPGCOM da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), líder do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e-mail: claudia.thome@ufjf.br.

³ Professor permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da SEE-MG, e professor substituto da Faculdade de Letras da UFJF. Vice-líder do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF). E-mail: marco.reis@ufjf.br.

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), membro do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF) e bolsista Capes. E-mail: campos.anacarolina@estudante.ufjf.br.

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), membro do Grupo de Pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF). E-mail: luciana.morais@estudante.ufjf.br.

narrativa jornalística nas redes sociais introduziu uma nova dinâmica na produção e no consumo de notícias (Becker, 2022).

Neste contexto de mudança, o jornalismo audiovisual, nos termos de Becker (2009), se reconfigura (Thomé, Piccinin, Reis, 2020; Thomé, Reis, 2022), uma dinâmica intensificada pela pandemia de Covid-19. Durante este período, a narrativa jornalística atraiu o público ao construir histórias personalizadas, com profissionais colocando-se em primeira pessoa e enfatizando narrativas de superação (Ribeiro, Sacramento, 2020). Além disso, outras estratégias, como a subjetivação (Becker, Thomé, 2022) e a emoção editorializada (Thomé, Reis, 2022), foram exploradas para autenticar a informação, aproximando-a do público de maneira mais humana.

Trata-se de uma reconfiguração narrativa, no entanto, que é anterior à pandemia, “que contraria os antigos manuais ao deixar a pretensa isenção jornalística como elemento secundário diante de fatos que abrem espaço para interpretações e posicionamentos” (Thomé, 2021, p. 12), que reposiciona o jornalista em seu foco narrativo, e rearruma os atores a partir também das transformações na forma como a audiência consome e produz informação. A televisão, que vem mantendo seu prestígio como um meio de acesso a notícias e entretenimento (Rezende, 2000), precisou considerar tais mudanças e incorporar novas formas de produção e linguagem.

Na cobertura de tragédias pelo telejornalismo, tais reconfigurações ganham contornos próprios, frente à narrativa de sofrimento e morte, como na enchente no Rio Grande do Sul em maio de 2024, quando o apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional (JN), William Bonner, conduziu o telejornal do local do desastre. A ancoragem fora da bancada destaca a presença do jornalista no campo, reforçando a credibilidade da narrativa do telejornal (Barbosa, Ribeiro, 2005; Ribeiro, Sacramento, 2020). Assim, o presente trabalho traz uma análise das estratégias adotadas pelo JN nesta cobertura, seguindo a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018).

A TRAGÉDIA COMO CENÁRIO DO TELEJORNAL

Em 29 de abril de 2024, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) emitiu o primeiro alerta vermelho devido ao alto volume de chuvas previsto para o estado do Rio Grande do Sul. Esse foi o prenúncio do que se tornaria a maior tragédia climática da história do estado, intensificando-se no início de maio. Por mais de duas semanas, os

cidadãos gaúchos tiveram municípios inteiros sendo submersos, consequência das tempestades e cheias que assolaram a região. O nível de água em cidades como Porto Alegre ultrapassou cinco metros. A escala das cheias pode ser compreendida através de dados como os divulgados pelo portal G1⁶: 478 dos 497 municípios do estado e mais de dois milhões de pessoas foram afetados pelas enchentes, resultando em 175 vítimas, 38 desaparecidos e mais de 800 feridos. No entanto, os números por si só não conseguem captar totalmente a complexidade do que foi a tragédia climática no sul do país.

Em meio ao caos e ao desespero, o telejornalismo destacou-se como lugar de referência (Vizeu, 2009) na construção da realidade audiovisual (Becker, 2022) para os brasileiros. A TV Globo mobilizou equipes para cobrir ao vivo os eventos no Sul do país. Programas como Encontro, Bom Dia Brasil e JN transmitiram diretamente do estado, com apresentadores e repórteres nos locais afetados, em colaboração com a afiliada local, RBS. Durante quase dez dias, Bonner ancorou o JN diretamente de Porto Alegre, abordando diversas localidades regionais para mostrar o cenário da tragédia.

Este estudo visa compreender as características dessa cobertura do JN, especialmente como o telejornalismo busca atrair a audiência e reforçar seu papel de certificação (Reis, Thomé, 2017; Thomé, Piccinin, Reis, 2020) em um contexto marcado por desinformação e ataques à credibilidade jornalística. Foi feita a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) em duas edições do JN, exibidas nos dias 6 e 15 de maio de 2024, correspondendo à primeira e à última edição com ancoragem *in loco* da tragédia no Rio Grande do Sul, respectivamente, acessadas via plataforma Globoplay. A análise da cobertura considerou também o perfil do JN no Instagram (@jornalnacional)⁷, seguindo o que Becker (2009) conceitua como jornalismo audiovisual e o que Silva (2018) apresenta como telejornalismo expandido. Foi feita uma seleção dos conteúdos nesse perfil relacionados à cobertura no RS, em publicações referentes às duas edições em questão, totalizando 21 posts, em tipologias específicas.

A cobertura telejornalística do JN ancorada no RS começa no dia 6 de maio de 2024 com o anúncio de Bonner, tanto na edição televisiva, após a escalada, quanto no quarto post do Instagram deste mesmo dia (os dois primeiros foram de bastidores da ida

⁶<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/11/mais-de-21-milhoes-de-pessoas-foram-afetadas-pelo-temporal-no-rs-618-mil-estao-fora-de-casa.ghtml>, acessado em 26 jun 2024.

⁷ O perfil do JN no Instagram foi “criado em agosto de 2021, quase onze anos depois da criação do aplicativo”, após o confinamento da pandemia, se articulando com o noticiário televisivo, como espaço que informa na palma da mão e revela bastidores, em um movimento de aproximação com a audiência (Piccinin, Thomé, Reis, 2022, p. 64).

e o terceiro foi da escalada da edição): “A partir de hoje o desastre que os brasileiros viram se avolumando desde a semana passada no Rio Grande do Sul passa a ser apresentado pelo Jornal Nacional aqui onde os fatos estão se desenrolando”⁸.

O telejornal informou sobre a situação crítica do estado, mostrou o impacto da enchente nas cidades gaúchas, com imagens de destruição, e também na vida de moradores, contextualizando esta tragédia ao abordar também as questões climáticas, e promoveu uma mobilização nacional de ajuda às vítimas da catástrofe. Segundo dados da Kantar Ibope Media, divulgados na mídia especializada⁹, o JN registrou um aumento na audiência durante esse período, alcançando a melhor média do ano, com mais de 107 milhões de brasileiros acompanhando a cobertura.

ESTRATÉGIAS DE PROXIMIDADE E EMPATIA

Na análise, foi possível identificar estratégias do JN para gerar proximidade com a audiência e certificar a informação, com preocupação evidente em gerar empatia em uma narrativa que precisa ser humanizada, frente à dor e às perdas noticiadas para todo o país. No dia 6 de maio, a ida da equipe do Rio de Janeiro para o Sul foi anunciada por Bonner como um ato solidário: “Vim com uma equipe. Nós todos estamos aqui para prestar uma solidariedade ao povo gaúcho”. O apresentador e os repórteres usaram roupas casuais e também capas de chuva, adotaram uma linguagem coloquial, em diálogo com moradores e com autoridades, aparentando uma atuação sem roteiro ou texto prévio, o que gerou um efeito mais natural e empático frente aos acontecimentos reportados e também vivenciados pela equipe. Neste sentido, cada vez que o estúdio chamava Bonner, a edição passava a ter um incremento do ao vivo, formato que liderou a cobertura da tragédia gaúcha, em uma linguagem identificada também nas reportagens gravadas, trazendo ainda a vivência dos jornalistas naquele cenário de tanta destruição.

No perfil do Instagram, foram postados trechos da cobertura televisiva e também gerados conteúdos próprios para a rede, com chamadas, alerta para *fake news* e bastidores. Isso permitiu compreender como a articulação desses recursos atua nas possíveis produções de sentido que se estabelecem a partir do telejornalismo, tanto na televisão

⁸ In <https://globoplay.globo.com/v/12575935/>, acessado em 2 jun 2024

⁹ In <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-william-bonner-no-rs-jornal-nacional-bate-recorde-e-aumenta-numeros-119548>, acessado em 26 jun 2024.

quanto nas redes sociais digitais (Piccinin, Thomé, Reis, 2022), especialmente em relação à sua intenção de gerar empatia e reafirmar a credibilidade do telejornal.

Este trabalho se filia a pesquisas que se debruçam sobre as características das coberturas jornalísticas de eventos trágicos. Segundo Ribeiro e Sacramento (2020, p. 99), “o trágico acaba traduzido por uma matriz melodramática”. Os autores referem-se às coberturas feitas pelo JN e pelo Fantástico sobre o deslizamento de terras do Morro do Bumba, em 2010, e sobre o incêndio da Boate Kiss, em 2013. Para Amaral (2011, p. 9), ao analisar os desabamentos na Região Serrana do Rio de Janeiro, em 2011, o envolvimento do jornalista com a catástrofe difere significativamente do envolvimento com outros temas mais corriqueiros, devido aos aspectos emocionais envolvidos e à possibilidade, em muitos casos, do próprio jornalista tornar-se uma vítima da tragédia. Para Negrini (2020), que tem estudo referencial sobre a morte no telejornalismo, a performance dos apresentadores do JN na cobertura do acidente aéreo com o time da Chapecoense, em 2016, foi “significativa no delineamento do cenário sobre a morte abarcado no Jornal Nacional e na perspectiva de invocação das sensibilidades do público sobre o fato, oportunizando a experiência estética” (Negrini, 2019, p. 49).

A partir desses aspectos, ao ancorar o telejornal no local de sofrimento e de mobilização da população gaúcha, o telejornal traz tais características próprias de coberturas de morte e tragédias, e reforça ainda sua autenticidade por meio do testemunho. A possibilidade de interação dos afetados com o âncora humaniza a narrativa, proporcionando ao público que acompanha os desdobramentos pela televisão ou pelas redes sociais digitais uma representação mais autêntica e próxima dos fatos.

Os jornalistas, além de testemunhas da calamidade no estado, passam a relatar suas experiências pessoais no local, fazendo da cobertura também algo a ser noticiado, em meio às condições enfrentadas pela comunidade. Privado dos recursos aos quais está acostumado, o profissional é profundamente impactado pela situação, e tal impacto é elemento informativo nas telas, gerando emoção e empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho identificou aspectos que dialogam com pesquisas anteriores do campo, no que diz respeito a novas configurações para um telejornalismo em contexto midiático (Piccinin; Soster, 2012) e expandido (Silva, 2018), no qual a certificação

(Reis, Thomé, 2017; Thomé, Piccinin, Reis, 2020) é elemento fundamental na atualidade, para a atividade do telejornalismo e para a sua defesa. Frente a um contexto de desinformação e ataques ao jornalismo, e ainda de mudanças advindas do uso da inteligência artificial, a subjetivação (Becker, Thomé, 2022) também se apresenta como estratégia potente no telejornalismo como um recurso de proximidade, com linguagem que se hibridiza entre a televisão e as redes sociais digitais, em caminho de ida e volta.

A análise das edições do Jornal Nacional, exibidas nos dias 6 e 15 de maio de 2024, e das postagens desses dias no perfil do Instagram, permitiu identificar estratégias e recursos narrativos utilizados para gerar empatia e proximidade com a audiência. A narrativa do JN sobre a tragédia no Rio Grande do Sul, tanto na TV quanto no perfil do Instagram, esteve envolta em um tom emotivo e de consternação. A cobertura do acontecimento trágico repercutiu na audiência do telejornal, fazendo atingir a maior pontuação em sete meses, alcançando 26 pontos.

O presente trabalho, seguindo a Análise da Materialidade Audiovisual (2018), destaca na cobertura da tragédia características como a subjetivação e a humanização da notícia (Becker, Thomé, 2022), a valorização do testemunho (Ribeiro, Sacramento, 2020), a dramaturgia do telejornal (Coutinho, 2012) e o humanismo solidário (Becker, 2020). A partir dos dados obtidos na análise, o trabalho identifica estratégias e recursos narrativos que contribuem para a compreensão de novas práticas nas coberturas noticiosas audiovisuais no Brasil (na televisão e nas redes sociais). Isso auxilia na observação crítica das transformações na prática jornalística, e em suas produções de sentido, diante de um cenário constantemente mutável e desafiador para o jornalismo (Becker, 2022).

Tais elementos reforçam a reconfiguração do telejornalismo no atual contexto midiático e evidenciam como ele se articula com as redes sociais digitais, em sua fase expandida (Silva, 2018), hibridizando linguagens e formatos, e apresentando, nesta cobertura analisada, um deslizamento que se configura de mão dupla entre a televisão aberta e as redes sociais digitais.

A cobertura da tragédia no Rio Grande do Sul pelo JN atingiu um alto índice de audiência, informando milhões de brasileiros e reafirmando sua credibilidade. A ancoragem *in loco* do apresentador e a utilização de técnicas editoriais específicas contribuíram para a construção de uma narrativa que buscou carregar a informação com elementos de solidariedade, emoção e empatia. A interação com as pessoas atingidas

humanizou a cobertura, assim como os bastidores postados no Instagram, a campanha de solidariedade para doações, a abordagem empática em entrevistas e sonoras, e ainda as imagens da atuação dos jornalistas nos locais da tragédia.

O estudo identificou aspectos que atravessam as práticas jornalísticas e sua produção de sentidos, evidenciando a importância da certificação da informação, os desafios no combate às chamadas *fake news* e a adaptação dos telejornais às novas configurações midiáticas, buscando ainda a audiência de diferentes públicos. O trabalho aponta para os desafios da cobertura de uma tragédia de grande proporção na atualidade, tanto na ação da equipe no local do desastre quanto na abordagem e na forma de narrar a dor e o sofrimento, em uma cobertura jornalística para a televisão e para as redes sociais, com estratégias que garantam o respeito, a empatia e a certificação da notícia, na missão pública e na responsabilidade que devem ser parte do jornalismo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. Os testemunhos na cobertura das catástrofes ambientais. **XX Encontro Nacional da Compós** - UFRGS, Porto Alegre, 14 a 17 de junho de 2011.

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativas e temporalidades”. In: BRITTOS, V.; BOLAÑO, C. (Orgs.). **TV Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 205-224.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda., 2005.

BECKER, B. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 2, p. 95-111, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n2p95>.

BECKER, Beatriz. Jornal Nacional: Estratégias e desafios no seu cinquentenário. **ALCEU**, [S. l.], v. 20, n. 40, p. 206–225, 2020.

BECKER, Beatriz. **A Construção Audiovisual da Realidade**: uma historiografia das narrativas jornalísticas em áudio e vídeo. Rio de Janeiro: MauadX, 2022

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Claudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 21, n. 47, 2022.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. Em: Cárilda EMERIM, Iluska COUTINHO e Cristiane FINGER (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V. 7. Florianópolis: Insular, 2018.

NEGRINI, Michele. A experiência estética na cobertura do Jornal Nacional à tragédia da Chapecoense: aferições sobre a performance dos apresentadores do telejornal. **Dispositiva**, v. 7, n. 12, p. 36-50, 2019.

NEGRINI, Michele. **A morte no telejornalismo**: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azevedo. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian journalism research**, v. 8, n. 2, 2012.

PICCININ, Fabiana; THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurelio. O telejornalismo ensina a audiência: estratégias narrativas de prevenção à infodemia no Instagram do JN. In: Ariane Pereira, Edna Mello, Cárilda Emerim e Iluska Coutinho. (Org.). **Contra a desinformação, telejornalismo! Estratégias de divulgação de notícias audiovisuais de qualidade**. 1ed. Florianópolis: Insular, 2022, v. 15, p. 57-72.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Cláudia. Um olhar sobre o papel do Whatsapp nas redações dos principais jornais do Rio. **Comunicação & informação**, v. 20, p. 95, 2017

REZENDE, Guilherme de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; Sacramento, Igor. **Televisão e memória: entre testemunhos e confissões**. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SILVA, Edna de Mello. Fases do Telejornalismo: uma proposta epistemológica. In: EMERIN, Cárilda; COUTINHO, Iluska; FINGER, Cristiane (org). **Epistemologias do Telejornalismo Brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual, v.7. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2018.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1994.

THOMÉ, Cláudia; PICCININ, Fabiana; REIS, Marco Aurelio. Anatomias narrativas do Telejornalismo contemporâneo e seus elementos certificadores. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020, v. 9, p. 159-196.

THOMÉ, Cláudia. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela Covid-19. In: **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife-PE: Intercom, 2021.

THOMÉ, Cláudia; REIS, Marco Aurélio. Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo. In **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, João Pessoa (PB): Intercom, 2022.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009.